

RETÓRICA E INTERPRETAÇÃO: UMA CRÍTICA À HISTORIOGRAFIA BRASILEIRA DAS IDEIAS FILOSÓFICAS

GABRIEL BARROSO VERTULLI CARNEIRO*

RESUMO:

Este artigo objetiva analisar, em um primeiro momento, os usos de Immanuel Kant nos escritos de Tobias Barreto, e, em um segundo momento, os usos da imagem de Tobias Barreto empreendidos pela tradição brasileira da história das ideias filosóficas – mais especificamente nos trabalhos de Miguel Reale e Antônio Paim. Esses dois objetivos estão intimamente ligados na medida em que o escopo principal deste trabalho é problematizar de que maneira essa tradição interpretou a obra filosófica de Tobias Barreto como uma manifestação clara do que é convencionalmente chamado de neokantismo. Cabe ressaltar que, na esteira deste empreendimento analítico, visou também apontar certos limites dos moldes de exposição tradicional da historiografia brasileira das ideias filosóficas.

Palavras-chave: *Historiografia das ideias filosóficas; Tobias Barreto; História intelectual.*

ABSTRACT:

This article aims to analyze, at first, the uses of Immanuel Kant in the writings of Tobias Barreto, and in a second stage, the use of the image of Tobias Barreto undertaken by the Brazilian tradition of the history of philosophical ideas – specifically in the works of Miguel Reale and Antônio Paim. These two objectives are closely linked insofar as the scope of this research is to discuss how this tradition conceived the philosophical work of Tobias Barreto as a clear indication of what is conventionally called neokantianism. It is noteworthy that, in the wake of this analytic enterprise, I also point out certain limits of the traditional mold of exposure of the Brazilian philosophical historiography.

Keywords: *Historiography of philosophy; Tobias Barreto; Intellectual History.*

Artigo recebido em 15 de Novembro de 2013 e aprovado para publicação em 09 de Janeiro de 2014.

* Mestrando do Programa de Pós-Graduação em História Social da Cultura da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. E-mail: gabrielvertulli@gmail.com

CONSIDERAÇÃO INICIAL:

O presente artigo tem como questão central problematizar de que maneira a tradição¹ brasileira da história das ideias filosóficas construiu a imagem de Tobias Barreto como neokantiano e, dessa forma, analisar por que era interessante para essa tradição firmar Tobias Barreto como o pioneiro dessa perspectiva filosófica.

Por conseguinte, este trabalho é, então, composto de três partes. Na primeira apenas apresento alguns conceitos fundamentais para o andamento dos argumentos. Já nas outras duas, tentarei responder a questões específicas que, se respondidas com êxito, tornarão mais claro o movimento de construção do neokantismo de Tobias Barreto. As questões são as seguintes: 1º) Por que era interessante para Tobias usar e citar o nome Immanuel Kant? e 2º) Por que era conveniente para pensadores como Miguel Reale e Antônio Paim firmar Tobias Barreto como o precursor do neokantismo no Brasil?

1) A RETÓRICA E A DIFERENCIAÇÃO ENTRE OS USOS E OS SIGNIFICADOS:

Na medida em que os escritos de Tobias Barreto foram redigidos no século XIX, e um dos objetivos deste artigo é demonstrar as possíveis limitações dos moldes de exposição tradicional da história das ideias filosóficas no Brasil, é relevante ressaltar que o meu trabalho é norteado por três artigos prescritivos. O primeiro é o de José Murilo de Carvalho, intitulado “História intelectual no Brasil: a retórica como chave de leitura”, e os outros dois são de Quentin Skinner, intitulados “*Meaning and understanding in the history of ideas*” e “*Rhetoric and Conceptual Change*” – em termos heurísticos, o artigo de José Murilo de Carvalho é essencial para esta pesquisa.

Em seu artigo, Carvalho argumenta sobre a “boa dose de ingenuidade analítica” (CARVALHO, 2000: 124) que a tradição brasileira da história das ideias está imersa², ademais, ele comenta que “em nenhum caso aparece qualquer discussão metodológica sobre a natureza do exercício” dessa historiografia em particular. Dessa forma, ele propõe que o estudo da retórica e de outros instrumentos de análise poderiam potencializar

¹ Entende-se aqui por tradição brasileira da história das ideias filosóficas os seus maiores expoentes: Miguel Reale (1910-2006), Paulo Mercadante (1923-2013) e principalmente Antônio Paim (1927-).

² Por história das ideias no Brasil, Carvalho compreende os seus mais diversos vieses: história das ideias políticas, sociológicas, econômicas, jurídicas, filosóficas etc. O viés que interessa aqui é, como já deve estar claro, a história das ideias filosóficas – cabe ressaltar que o próprio José Murilo de Carvalho cita o nome de Antônio Paim como um grande representante desta perspectiva.

as perspectivas da história intelectual que trabalham com textos produzidos no Brasil, principalmente no século XIX.

José Murilo de Carvalho afirma que o argumento de autoridade e o *argumentum ad hominem* eram dois conceitos que circulavam habitualmente no que diz respeito à prática retórica no Brasil do século XIX. O meu ponto é que, a partir dessas categorias, principalmente a de argumento de autoridade, é possível fundamentar uma apreciação crítica mais refinada dos escritos filosóficos de Tobias Barreto.

É importante mencionar que a obra de Tobias Barreto foi marcada, entre outras coisas, pelo tom contundente e polêmico de sua escrita. O polemismo, ou “a tentativa de desqualificar o opositor atacando sua qualificação moral” (CARVALHO, 2000: 135), é um traço marcante da prática retórica da época, ilustrada fundamentalmente pelo *argumentum ad hominem*. As críticas de Tobias Barreto direcionadas ao positivismo evidenciam essas práticas discursivas fundamentadas pelo *argumentum ad hominem*, visto que as críticas incisivas de Tobias começam em Auguste Comte mas são redirecionadas para os positivistas brasileiros.

Agora, sobre o argumento de autoridade, cabe destacar as seguintes palavras de José Murilo de Carvalho:

Ao ler certa vez um texto de Oliveira Viana, deparei-me com uma observação que serviu para chamar minha atenção para um ponto que antes não me tinha parecido importante. Viana explicava a pequena repercussão da obra de seu mestre, Alberto Torres, pelo fato de que Torres quase não citava autores estrangeiros. Seus textos referiam-se quase sempre às suas próprias obras. Segundo Viana, tal tática no Brasil era fatal. Sem citação de autoridades estrangeiras, nenhum pensador nacional seria levado a sério. Pondo em prática sua receita, Viana sempre citou abundantemente, embora fosse, sob muitos aspectos, um pensador original. Vários estudiosos já observaram, aliás, a maneira peculiar que tinha de citar, deturpando muitas vezes o pensamento do citado em benefício da confirmação de suas teses. (CARVALHO, 2000: 127)

As palavras acima evidenciam dois pontos fundamentais para uma melhor compreensão dos textos sobre Kant de Tobias Barreto: o primeiro é que citar autores estrangeiros era uma prática retórica recorrente no Brasil do século XIX, e o segundo é que a deturpação do conteúdo dessas citações era extremamente normal – pelo fato de que essa deturpação poderia ajudar o orador a alcançar os seus objetivos.

Uma vez que examino os textos de Tobias Barreto tendo como norte as seguintes perguntas: 1) para que questão esses textos constituem uma resposta? e 2) por que era interessante para Tobias usar o nome Immanuel Kant naquele momento? Ficará evidente a importância da retórica para amplificar as possibilidades de análise de seus textos, e, ao mesmo tempo, como essa dimensão foi completamente esquecida pela fortuna crítica do sergipano. A partir desse ponto, podem-se identificar algumas fragilidades analíticas da

historiografia brasileira das ideias filosóficas. Para elucidar essa questão com um exemplo, pode-se mencionar a discussão sobre as possíveis aproximações de Tobias com o kantismo. Diversos autores debatem se as considerações de Tobias Barreto sobre Kant são legítimas – em termos contedúísticos – ou não; em outras palavras, esses autores discutiam se Tobias realmente tinha compreendido a filosofia de Kant ou se suas considerações não passavam de simples mimetismo. Sobre essa questão, também compartilho da visão de José Murilo de Carvalho, que argumenta em seu artigo que esse tipo de discussão é infrutífero, pois, muitas vezes, não é o conteúdo que está em jogo, mas a citação em si. Nesse sentido, o que deve ser analisado não é o conteúdo da obra citada, mas sim o uso que a determinada citação pode vir a simbolizar, pois o conteúdo e os significados podem ser “deturpados” de acordo com os interesses discursivos do autor. Para sintetizar essa questão, cabe ressaltar aqui um trecho do artigo de José Murilo de Carvalho:

O que se sugere aqui é que o fenômeno onipresente da citação de autores estrangeiros, e da concomitante importação de ideias, não seja visto apenas como indicador de dependência intelectual, nem como colocação correta ou incorreta de ideias. Sugere-se que uma chave útil de leitura pode ser dada pelo estilo de raciocínio. Dentro da tradição brasileira, o argumento de autoridade era um requisito indispensável, era um recurso de argumentação, uma retórica. Em princípio, portanto, a citação de um autor estrangeiro não significava necessariamente adesão a suas ideias, embora pudesse significar. (CARVALHO, 2000: 143)

Mais adiante, ele complementa com as seguintes palavras:

Se não se trata, portanto, de simples dependência e simples mimetismo, também não é o caso de considerar o fenômeno como desonestidade intelectual. As deturpações eventuais podem não ser voluntárias. Como o importante era citar, as leituras eram frequentemente superficiais, muitas vezes baseadas em comentários. Muitos tomavam conhecimento de autores estrangeiros via artigos de divulgação publicados. (CARVALHO, 2000: 143)

Nesse sentido, é pertinente relatar as palavras de Gláucio Veiga, que afirma que Tobias nem sequer leu a “Crítica da Razão Pura” e que “nunca alguém falou tão atabalhoadamente sobre Kant, em tão poucas páginas, como Tobias Barreto em *Recordação de Kant*.” (VEIGA, 1951: 96) Ou seja, Veiga se limitou a interpretar os significados das palavras de Tobias Barreto em seu ensaio sobre Kant e ignorou completamente o porquê era interessante para Tobias citar Kant naquele momento, em outras palavras, Veiga – e muitos outros autores – ao se prenderem aos significados, ignoram um fator importantíssimo, a saber: os usos. Esse fato pode ser um grande entrave para a prática da história intelectual, e, justamente por esse motivo, concordo com José Murilo de Carvalho quando ele aponta a necessidade do uso da retórica como instrumento analítico para potencializar essa prática historiográfica em especial.

A grande maioria dos autores que escreveram sobre aspectos filosóficos da obra de Tobias Barreto trabalham com a categoria de “significados puros”, indo no caminho contrário daqueles que reduzem os significados das expressões e das ideias ao seu uso na linguagem. Isto é, buscar significados puros dos textos, em vez de se perguntar sobre a historicidade dos usos das expressões linguísticas, significa desconsiderar uma dimensão retórica do texto que é essencial para ampliar as suas condições interpretativas. Destarte, o importante não é o conteúdo da citação, mas o que aquela citação pode representar naquele determinado momento. Ou seja, é que é preciso historicizar os usos das ideias para amplificar as potencialidades da história intelectual.

A retórica, tomada como uma ferramenta analítica, foi completamente esquecida pela perspectiva tradicional da história das ideias filosóficas. Portanto, procuro fundamentar os elos entre Tobias Barreto e o kantismo por um viés completamente diferente. A minha crítica à tradição brasileira da história das ideias filosóficas é fundamentada justamente pela não percepção da fulcral diferença entre usos e significados.

Como sabido, o historiador Quentin Skinner dá enorme importância à diferenciação entre usos e significados³. O conceito de “uso” presente no arcabouço teórico de Skinner remete diretamente ao filósofo austríaco Ludwig Wittgenstein – em que o significado de uma expressão linguística é reduzido ao seu uso⁴. Desta maneira, palavras são entendidas como ações, ou seja, o discurso é sempre um movimento argumentativo. O conceito de uso, heurísticamente falando, é essencial para a história intelectual não se limitar a dois grandes problemas da história das ideias tradicional, problemas esses que serão expostos nas páginas que seguem, a saber: a “busca de um precursor” e o “jogo de influências”.

2.1) OS USOS DE KANT NOS ESCRITOS DE TOBIAS BARRETO:

O final do Império de Dom Pedro II se aproximava e a República seria proclamada, Tobias Barreto de Meneses seria apenas mais um dos intelectuais do século XIX, suas publicações abrangiam diversos campos do conhecimento: foi jurista, poeta, filósofo, político e crítico musical; o tom polêmico e agressivo seria a marca característica da sua escrita. Foi muito difícil para Tobias Barreto obter prestígio acadêmico: era mulato, nordestino e de família humilde. Nascido em Sergipe em 1839, Tobias não chegaria a ver a Proclamação da República, pois morreria em 26 de junho de 1889. Mesmo sendo

³ Sobre esse ponto, ver os artigos de Skinner citados anteriormente.

⁴ “A significação de uma palavra é seu uso na linguagem”. (WITTGENSTEIN, 1979: 28).

declaradamente antimonarquista, talvez não ficasse muito feliz com a proclamação, pois não poupava nem os republicanos das suas contundentes críticas. O intelectual sergipano é considerado um dos grandes nomes da famosa Escola do Recife, contudo, esse *status* não foi o suficiente para livrá-lo do fardo do século do romantismo: Tobias morreria paupérrimo em um precário estado de saúde.

Por saber ler em alemão e em francês, Tobias Barreto pôde articular as produções intelectuais mais recentes desses dois países; de fato, os diálogos que fomenta entre as “tradições intelectuais” francesa e alemã do século XIX corroboram os lugares-comuns construídos ao longo dos anos entre uma França dogmática e pragmática e uma Alemanha idealista e romântica.

Tobias Barreto adere o lado dos alemães no que se entende como as “querelas filosóficas” que se estabeleceram entre a França e a Alemanha no decorrer do século XIX; muitos eruditos alemães faziam considerações sobre uma certa superficialidade da produção intelectual francesa, por motivos variados, que vão desde a rivalidade acentuada pela guerra franco-prussiana até meras especulações de incompatibilidades filosóficas.

As generalizações de Tobias Barreto sobre as incompatibilidades das “culturas filosóficas” francesa e alemã encontram respaldo na leitura de eruditos alemães da segunda metade do século XIX. Tobias provavelmente leu algumas das suas considerações, pois estava atualizado sobre as recentes produções intelectuais alemães em função de seus vários investimentos em importações de livros. A reprodução dessa antinomia entre França e Alemanha pode ser percebida em diversos momentos da obra de Tobias Barreto. Por exemplo, no final de seu livro intitulado “Estudos Alemães”, Tobias escreve alguns aforismos, e, em um deles, o sergipano expressa claramente as inquietudes desses eruditos alemães a respeito do “utilitarismo” atrelado à meditação filosófica francesa, assim, Tobias escreveu: “A Alemanha ensina a pensar e a França a escrever.” (BARRETO, 1978: 340).

É importante ressaltar que, para Tobias Barreto, a “tradição intelectual” francesa seria um simples reflexo da filosofia de Auguste Comte. Tobias concentra seu inconformismo nos rumos políticos, econômicos, sociais e culturais do Brasil de sua época por meio de uma crítica feroz ao que entende por “doutrina dominante no país”, a saber, o positivismo. Doravante, tentarei expor alguns pontos que sirvam para explicar a aversão de Tobias Barreto ao positivismo. Ao final desta exposição ficará claro que a antipatia de Tobias não era centrada propriamente na figura do filósofo Auguste Comte, na verdade, sua crítica era direcionada aos adeptos do filósofo francês nas terras brasileiras.

2.2) A BATALHA CONTRA O POSITIVISMO:

Para que questão o texto de Tobias Barreto intitulado “Recordação de Kant” constitui uma resposta? Para responder essa questão, é preciso ter em mente que o “germanismo” de Tobias Barreto representou um repúdio à tradição letrada francesa – como ficou claro nos parágrafos acima – no entanto, mais do que isso, o germanismo representa também uma estratégia de autoafirmação, uma espécie de estratégia argumentativa amplificada pelo polemismo, que pode ser entendido “como uma necessidade de ‘abrir caminho’ em face da resistência dos círculos *bien pensants*”⁵. Nesse sentido, “germanismo”, “necessidade de afirmação” e “polemismo” são peças do mesmo jogo, como se pode perceber a partir das seguintes palavras de Nelson Saldanha:

Sua necessidade de afirmação fez de sua trajetória uma série de polêmicas, que foram desde as discussões menores até o extenso e indigesto debate com José Hygino a propósito do *self-government* e das ideias de Rudolf Gneist. No mesmo sentido se compreende em parte o problema do germanismo e da valorização dos livros alemães pelo fato de serem pouco conhecidos no Brasil. (SALDANHA, 1978: 85)

Mas por que criticar de forma tão veemente o positivismo? Antes de responder a essa pergunta cabe ressaltar que a Faculdade de Direito do Recife era um dos grandes centros de formação de intelectuais que integravam o aparelho político administrativo do Império – as palavras abaixo deixam esse ponto bem claro:

A Faculdade de Direito do Recife, do mesmo modo que a sua congênere de São Paulo, tinha uma importância extraordinária na vida do Império, pelo próprio caráter da missão atribuída a tais institutos de ensino superior. Incumbia-se-lhes o preparo dos quadros políticos e administrativos da nova nação, de seus diplomatas e magistrados, vale dizer, da elite dirigente. Parlamentares, jornalistas, professores, enfim, o núcleo central da intelectualidade, da administração e da política, procedia quase que todo das academias de São Paulo e Recife. Suas portas achavam-se abertas não só aos descendentes da aristocracia rural mas às camadas médias da população urbana. Muitos homens de origem humilde, a exemplo de Tobias Barreto,

⁵ Sobre os elos entre o polemismo e a chamada “Escola de Recife” vale a pena expor aqui as palavras de Nelson Saldanha: “Devo deter-me entretanto num traço altamente característico do comportamento dos integrantes do grupo – maximamente dos dois fundadores. Refiro-me ao polemismo. Com efeito o gosto da polêmica, um tanto ligado a certos padrões e sestros da vida intelectual do tempo (chegados aliás até algumas décadas de nosso século), existiu genericamente na Escola. Neste ponto, como se sabe, o exemplo de Tobias Barreto e Sívio Romero foi decisivo. O amor da polêmica teve neles duas motivações bastante pessoais: o temperamento em parte, em parte a necessidade de ‘abrir caminho’ em face da resistência dos círculos *bien pensants* às propaladas “ideias novas”. O tom polêmico foi um tanto, repita-se, próprio do clima intelectual do segundo reinado: na imprensa, no parlamento, na literatura chamada “de costumes”. O azedume que vinha dos anos quarenta, das agitações sociais e dos debates do socialismo romântico, assumiu novas formas na imprensa briguenta, na *charge* política e até nos entreveros sobre gramática. Mas, repita-se também, os fundadores da Escola, tendo de enfrentar especiais bloqueios por parte da mentalidade católica ou dos escritores de algum modo conservadoristas, tiveram de aguçar o timbre polêmico, que se prolongou em provocação e proselitismo”. (SALDANHA, 1978: 100-101.)

logravam conquistar o almejado diploma de bacharel. (MERCADANTE & PAIM, 1977: 16-17)

Visto a importância da Faculdade de Recife como colocada na passagem acima, é importante ter em mente que criticar uma das maiores perspectivas filosóficas que circulavam nessa instituição era, sem dúvida, uma estratégia de legitimação inerente ao jogo pelo poder administrativo e pelo prestígio acadêmico. O motivo dessa colocação se tornará mais claro a partir do momento que se percebe que Tobias Barreto não estava criticando o positivismo em si, mas sim os seguidores de Auguste Comte nas terras brasileiras, ou seja, seus pares, que, assim como Tobias, também participavam do jogo pelo prestígio acadêmico.

Uma das formas de criticar um acadêmico era criticar a perspectiva ou a doutrina que este se preocupava em apregoar. Como dito anteriormente, esta era uma prática retórica extremamente comum na época, pouco importava se a crítica era pertinente ou não em termos contedústicos, o importante era criticar para alcançar os objetivos almejados, que, normalmente, eram de legitimação intelectual ou política. A passagem abaixo (a partir de um exemplo do próprio Tobias) demonstra claramente o quanto essa prática era amplamente disseminada:

Nos meses de junho e agosto, Tobias publica longa série de artigos no “Diário de Pernambuco”. Os primeiros compõem o ensaio “Notas a lápis sobre a evolução emocional e mental do homem”; os últimos representam os quatro capítulos iniciais do estudo “Glosas heterodoxas a um dos motes do dia ou variações anti-sociológicas”. O objetivo principal desses artigos era combater a filosofia de Spencer, “não tanto em atenção ao filósofo inglês – esclarece Clóvis Beviláqua –, como, principalmente para desprestigiar a doutrina no Recife”, onde seu colega de magistério na Faculdade, José Higino, se encarregara de difundir-la. (MERCADANTE & PAIM, 1977: 27)

Em outras palavras, Tobias não estava preocupado em criticar Spencer, mas sim José Higino. Da mesma maneira se pode entender o ensaio de Tobias Barreto intitulado “Recordação de Kant” – o interessante para Tobias naquele momento era simplesmente criticar os seus colegas adeptos da filosofia de Comte, para tanto, Tobias fez uso de um dos recursos retóricos mais utilizados no Brasil do século XIX: o argumento de autoridade – a técnica argumentativa que consiste em citar um autor estrangeiro (ou qualquer outro tipo de autoridade) “como meio de prova a favor de uma tese” (PERELMAN & OLBRECHTS-TYTECA, 2005: 348.)

A batalha contra os partidários da filosofia de Comte não seria fácil, afinal Tobias apresentava todos os requisitos necessários para sair atrás nesse jogo pelo poder e pelo prestígio que regia o cenário acadêmico da Faculdade de Recife – visto que ele era mulato e de família humilde.

Para amplificar as suas críticas, Tobias chegou a publicar um jornal em língua alemã com o nome “*Der Deutsche Kämpfer*”. Sua intenção com essa publicação é nítida: se posicionar de forma dissidente em relação ao que entende por uma preponderância da cultura francesa no Brasil. Seu jornal em alemão simbolizaria um protesto ao que chama de “francesismo”, tendo como mira principal, como já frisado, o positivismo. Essa aversão de Tobias Barreto aos partidários de Comte e o intenso jogo pelo prestígio acadêmico fazem parte de uma mesma dimensão social.

Sem dúvida o escrito que melhor representa a empresa antipositivista de Tobias é o emblemático ensaio intitulado “Recordação de Kant”. Neste ensaio, Tobias Barreto tenta demonstrar que, a partir da teoria do conhecimento formulada por Kant, é possível demonstrar todas as falhas e limitações do positivismo de Auguste Comte.

Já nas primeiras páginas do ensaio, Tobias dedica uma enorme nota de rodapé para avaliar como “o chefe do positivismo francês” analisou os escritos de Immanuel Kant. Tobias começa argumentando sobre a “ignorância de Comte” no que diz respeito ao conceito de *categoria* na linguagem filosófica de Kant – pois o filósofo francês teria atribuído a Kant “a divisão geral das ideias humanas segundo as duas *categorias* de quantidade e qualidade” (BARRETO, 1977: 371). Desta maneira, Tobias vitupera a filosofia de Auguste Comte e, ao fazê-lo, convoca os discípulos do filósofo francês para provar o contrário – com isso, Tobias visa atacar seus adversários menosprezando a “doutrina” que lhes é cara. É por esse e outros motivos que é possível inferir que Tobias Barreto direciona este ensaio para seus pares com o intuito de desqualificá-los. A passagem a seguir demonstra claramente como a disposição do discurso elaborado por Tobias tem a nítida intenção de convocar seus pares para subjugá-los no debate:

Eu ousou perguntar, já não a Comte, porém aos seus mais fanáticos discípulos de aquém e de além-mar: – em que parte das obras do filósofo tedesco está escrito que as ideias humanas se dividem daquele modo? Vamos lá; respondam; quero ver isso. E se é certo que Kant nunca fez semelhante divisão que juízo deve-se formar da seriedade científica do tal Sr. Augusto Comte? (BARRETO, 1977: 371)

É interessante perceber na passagem acima que Tobias escreve: “aos fanáticos discípulos”, “respondam”; o que demonstra claramente que a sua argumentação tem os seus colegas positivistas como público alvo. Na mesma nota, após citar um trecho da obra de Comte, Tobias continua suas contundentes críticas ao filósofo francês, eis como ele termina a arguição:

Salta aos olhos a falta de compreensão da reforma de Kant. Dizer que este filósofo foi o primeiro que tentou escapar do *absoluto*, é um erro pueril, já porque antes dele

outros tinham feito a mesma tentativa, já porque Kant não se limitou a querer evitar o *absoluto*; ele o eliminou totalmente do domínio da filosofia, como objeto do conhecimento. [...] De tudo isto se depreende que Augusto Comte falou de Kant, como falou de muitas outras coisas, ignorando-as completamente; mas julgava poder apreciá-las por uma espécie de intuição profética, própria do seu caráter de salvador de espírito humano! (BARRETO, 1977: 371)

Não são poucas as passagens em que Tobias Barreto ataca Auguste Comte argumentando sobre a incapacidade deste para realizar uma exposição coerente dos trabalhos de Immanuel Kant. Para dar um exemplo do redirecionamento da crítica de Tobias, ou seja, uma crítica que começa em Comte para terminar nos positivistas brasileiros, segue uma passagem extremamente elucidativa, também presente no ensaio “Recordação de Kant”:

À vista de tais documentos, não há, pois, razão de rir na cara dos positivistas, quando ousam afirmar que Kant foi um metafísico no sentido de um visionário? Não é o caso de mandá-los bugiar, desde os leões da seita até os gatos dos nossos telhados, isto é, Comte e Littré até a récula de *crétins* brasileiros, amarelos, empanturrados, de leque na mão e cigarrinho na boca, fazendo filosofia positiva, – que é uma espécie de *filosofia dos pobres* –, nas calçadas e confeitarias da Rua do Ouvidor no Rio de Janeiro? (BARRETO, 1977: 377-378)

Em síntese, pode-se entender o ensaio de Tobias Barreto como uma resposta a preponderância do positivismo entre os magistrados, políticos e acadêmicos no Brasil do século XIX, todos participantes ativos no jogo pelo prestígio que regia as diversas esferas políticas e administrativas do Império. Nesse sentido, Tobias Barreto usa Kant como argumento de autoridade com o intuito de refutar o positivismo – ou melhor, com o intuito de desqualificar os seus pares – e, assim, legitimar o seu prestígio político acadêmico. Enfim, pode-se dizer que essa é uma das intenções de Tobias ao escrever o ensaio “Recordação e Kant”.

Doravante, argumentarei como a tradição brasileira da história das ideias filosóficas ignorou completamente a questão exposta até aqui – a saber: que Tobias Barreto usou o nome de Immanuel Kant como um argumento de autoridade, isto é, os escritos de Tobias a respeito de Kant eram uma estratégia de autoafirmação e legitimação acadêmica. Visto isso, nas páginas que seguem, tentarei demonstrar por que era interessante para essa tradição firmar Tobias Barreto como o pioneiro do neokantismo no Brasil.

3.1) A INVENÇÃO DE UMA TRADIÇÃO LETRADA: A FORTUNA CRÍTICA DE TOBIAS BARRETO:

Nos livros e artigos de Miguel Reale, Antônio Paim e Paulo Mercadante, o sergipano Tobias Barreto é entendido como um representante do neokantismo. Na maioria das vezes esses autores costumam “classificá-lo” a partir desse “viés” em função de um único

ensaio seu – o emblemático “Recordação de Kant” – o que já constitui uma intenção um pouco precipitada.

O debate acerca da repercussão do kantismo no Brasil, mais especificamente na obra de Tobias Barreto, tem seu primeiro passo com o artigo de Clóvis Bevilacqua publicado na Revista da Academia Brasileira de Letras no ano de 1929. Neste artigo, Bevilacqua argumenta que, por diversos motivos, o kantismo sempre esteve à margem da meditação filosófica nacional. Em uma espécie de resposta a Bevilacqua, Miguel Reale escreve um artigo em 1947 com o mesmo título – “A Doutrina de Kant no Brasil” – argumentando que o kantismo teve uma repercussão, de certa forma, relevante nas terras brasileiras, e um dos representantes desta perspectiva filosófica foi o sergipano Tobias Barreto.

Em “A Doutrina de Kant no Brasil”, Reale enumera quatro momentos em que o kantismo teria se manifestado de forma categórica. Esses momentos seriam: 1) o kantismo às vésperas da independência política; 2) Kant e Krause na faculdade de Direito de São Paulo; 3) Kant na faculdade de direito de Recife; e 4) Kant no Brasil do século XX. Tobias Barreto estaria inserido no terceiro momento. Esse mesmo arcabouço kantiano montado por Reale foi reproduzido em algumas ocasiões posteriores. Para citar os três exemplos mais relevantes, pode-se mencionar o trabalho de Rosa Mendonça de Brito, “O neokantismo no Brasil” (1984), o texto de Urbano Zilles, “A Filosofia Neokantiana e sua influência no Brasil” (1987) e o texto de Daniel Omar Perez, “Dois séculos de leitura de Kant no Brasil” (2005). Ademais, posteriormente o próprio Miguel Reale republicaria esse seu artigo na Revista Brasileira de Filosofia, porém, com um título diferente: “Filosofia Alemã no Brasil” (1974).

Se há necessidade de apontar um vencedor neste debate entre Clóvis Bevilacqua e Miguel Reale, este, sem dúvida, foi Reale – visto que a tradição brasileira da história das ideias filosóficas é, nesse sentido, tributária de suas considerações. Contudo, algumas vozes corroboraram e tentaram, de certa forma, amplificar a argumentação de Bevilacqua. É possível citar, por exemplo, Gláucio Veiga, que em um enérgico artigo publicado na Revista Brasileira de Filosofia no ano de 1951, chega a afirmar que Tobias Barreto nem sequer leu a “Crítica da Razão pura”. Veiga usa contundentes palavras ao comentar o famoso ensaio de Tobias Barreto:

Quando, porém, resolve dedicar um ensaio ao autor da *Crítica da Razão Pura* executa a tarefa como qualquer bisonho estudante. Nunca alguém falou tão atabalhoadamente sobre Kant, em tão poucas páginas, como Tobias Barreto em *Recordação de Kant*. (VEIGA, 1951: 96)

Antônio Paim – que, ao lado de Reale, é considerado o principal pilar da historiografia brasileira das ideias filosóficas – argumenta que, para a exposição do kantismo

que Gláucio Veiga esperava de Tobias Barreto, seria necessário o sergipano estar inserido em um panorama cultural completamente diferente. Segundo Paim, Veiga esquece completamente a questão de como o meio e as circunstâncias histórico-culturais que Tobias estava inserido repercutiram nas suas considerações sobre Kant. Nesse sentido, Veiga desconsideraria completamente quais os artifícios e ferramentas o sergipano tinha a sua disposição para ler e interpretar as obras de Kant. Pode-se perceber que Antônio Paim, ao comentar esse debate, se posicionou de forma crítica a Gláucio Veiga visando justificar os escritos de Miguel Reale. Nas palavras de Paim:

Precisaria Tobias Barreto ter vivido em outro país onde fossem diversas as motivações e inteiramente outro o panorama cultural. Por isso mesmo, para avaliar-se o mérito dos escritos em que procura exaltar a figura de Kant, impõe-se tomar, como paradigma ou ponto de referência, modelos do próprio meio e da mesma época. E não os olvidar por completo, como fez Gláucio Veiga. (PAIM, 1990: 54)

Em momento anterior, já foi colocado que esse tipo de discussão é infrutífero. Pois, visto que as referências a Kant nos textos de Tobias Barreto consistiam em argumentos de autoridade, Tobias “deturpava” suas citações da maneira que lhe convinha para ter maior certeza que seus objetivos seriam alcançados. Contudo, mesmo essa discussão tendo sido edificada a partir desse tipo de fragilidade analítica, as considerações de Miguel Reale e Antônio Paim sobre os elos entre Tobias Barreto e Kant foram as de maior repercussão.

Newton Sucupira, de maneira complacente mas com um rigor analítico refinado, sintetiza bem rapidamente alguns pontos desse debate em seu artigo publicado em 1982, na Revista Brasileira de Filosofia, artigo este que leva o título de “Tobias Barreto e o kantismo”.

Newton Sucupira procurou limitar consideravelmente os elos entre o sergipano e o neokantismo. Um dos seus objetivos principais era demonstrar que “não era rica a bibliografia kantiana de que dispunha Tobias Barreto” (SUCUPIRA, 1982: 154). Ele fez uma análise minuciosa do itinerário intelectual de Tobias Barreto a partir dos livros que pertenceram à biblioteca particular do sergipano. Assim, tendo em mãos os livros em língua alemã que pertenciam a Tobias, Sucupira pôde constatar as “habilidades de tradutor” do filósofo sergipano, pois alguns de seus trabalhos se revelaram como traduções literais de escritos de filósofos alemães pouco conhecidos:

No artigo “Recordação de Kant”, o mestre de Recife fala de muitas doutrinas, de vários filósofos, até, mesmo de Kant. Não conseguiu, contudo, oferecer uma visão de conjunto ordenada do sistema kantiano e nem mesmo soube destacar os conceitos fundamentais de sua teoria do conhecimento. Alinhou uma série de opiniões sobre o filósofo de Koenigsberg, e o resultado foi uma apresentação superficial e desconexa das doutrinas kantianas. Tinha razão Gláucio Veiga ao dizer que nunca alguém falou tão atabalhoadamente sobre Kant em tão poucas páginas. O mais grave é que

compõe o seu artigo com excertos de autores diversos sem indicar, muitas vezes, as fontes e nem citar os nomes. E o que há de aproveitável e mais consistente sobre Kant, no artigo, não é de Tobias. Com efeito, o mestre do Recife, sem mencionar os autores, lança mão de trechos frases de Wilhelm Tobias, Kuno Fischer, Spir, Noiré e Landesmann. (SUCUPIRA, 1982: 155-156)

Newton Sucupira revelou um ponto essencial para os estudos dos textos filosóficos de Tobias Barreto, pois ninguém nunca tinha levantado a questão de que o ensaio “Recordação de Kant” é um emaranhado de traduções sem referência. Porém, é um equívoco afirmar que a apresentação de Tobias é superficial e suas traduções sem referência são uma manifestação de desonestidade intelectual, como já colocado mais de uma vez: não importa se eram traduções ou se era um discurso falho em termos contedudísticos, o importante era citar para garantir a credibilidade das próprias teses.

Newton Sucupira publicou seu artigo em 1982, no entanto é interessante notar que os trabalhos de Antônio Paim publicados após essa data simplesmente ignoram a existência de tal artigo. Paim chegou a orientar uma tese de doutorado, intitulada “A filosofia de Kant no Brasil (Ciclo do neokantismo)” defendida em 1984, que tem como um dos pilares o texto “Recordação de Kant” de Tobias Barreto, porém a tese simplesmente ignora o fato que este texto é um aglomerado de traduções e citações sem referência, como demonstrou claramente Newton Sucupira⁶.

Agora que o panorama geral que rege o debate sobre os possíveis elos entre Tobias Barreto e o kantismo foi apresentado, uma questão em especial se torna iminente: visto o empenho de autores como Gláucio Veiga e Newton Sucupira de limitar as aproximações entre Tobias Barreto e Immanuel Kant, por que era interessante para pensadores como Miguel Reale e Antônio Paim atribuir ao intelectual sergipano o rótulo de neokantiano? A seguir, tentarei apresentar algumas chaves de leitura que possam explicar minimamente esse esforço da tradição brasileira da história das ideias filosóficas de firmar o pioneirismo de Tobias Barreto.

3.2) SERIA TOBIAS BARRETO UM NEOKANTIANO?

Como já dito anteriormente, Miguel Reale e Antônio Paim foram os que mais se questionaram e promoveram os laços entre Tobias Barreto e o neokantismo. Vale recordar que Paim, por exemplo, ao escrever sobre a “corrente culturalista”, afirma que Tobias Barreto

⁶ Em seu artigo, Newton Sucupira transcreveu as partes do artigo de Tobias Barreto que foram traduzidas sem referência ao lado dos textos originais em alemão. Contudo, ao demonstrar que várias passagens dos escritos de Tobias eram traduções, Sucupira deixa bem claro que a sua intenção não é “negar o reconhecido talento de Tobias Barreto e a sua importância fundamental para a história das ideias no Brasil”. (SUCUPIRA, 1982, 161.)

“inspirou-se diretamente em Kant” e antecipou “a direção empreendida, na Alemanha, pelo movimento neokantiano.” (PAIM, 1978: 11) Porém, nenhum deles, ao formular uma argumentação que demonstrasse o “neokantismo de Tobias Barreto”, procurou delimitar ou se indagar mais seriamente sobre como e por que era interessante para Tobias fazer considerações sobre Kant naquele momento.

De fato Tobias Barreto fez uma breve referência às obras de Friedrich Albert Lange e de Kuno Fisher intituladas *Geschichte des Materialismus und Kritik seiner Bedeutung in der Gegenwart* e *Geschichte der neuern Philosophie*. Esses dois autores, de certo modo, ajudaram a fomentar o “retorno a Kant” característico da virada do século na Alemanha. No entanto, em nenhum momento Tobias Barreto faz qualquer tipo de referência a Hermann Cohen, Paul Natorp, Ernst Cassirer, Wilhelm Windelband ou Heinrich Rickert – ou seja, os grandes expoentes do neokantismo alemão, os três primeiros da Escola de Marburgo e os dois últimos da Escola de Baden. Tobias não teve contato com esses autores, pois a grande maioria dos trabalhos destes só foi publicada depois de sua morte em 1889.

Logo, classificar Tobias Barreto como um representante do neokantismo constitui, de certa forma, um anacronismo. É possível argumentar que a constante “tendência” da história da filosofia de querer achar a gênese de qualquer tipo de “manifestação intelectual” acaba por ensejar anacronismos desse gênero. Para aclarar esse anacronismo, basta reiterar o argumento de Antônio Paim, onde Tobias Barreto teria antecipado o movimento neokantiano. A questão é que Tobias Barreto não antecipou nada e nem sequer soube o que viria a ser chamado de “movimento neokantiano”, tal como o empreendido na Alemanha na virada do século XIX. O neokantismo na Alemanha estava respondendo a questões específicas inerentes aos debates alemães do final do século. Tobias Barreto não poderia estar na “direção empreendida pelo movimento neokantiano”, como argumenta Paim, porque ele estava lidando com questões completamente diferentes.

Visto os enormes obstáculos que impedem que Tobias seja colocado no mesmo patamar que os filósofos alemães entendidos como neokantianos, afinal, por que Miguel Reale e Antônio Paim sustentaram de forma tão veemente o “neokantismo de Tobias Barreto”? O ponto é que Tobias Barreto foi o pilar usado por Miguel Reale e Antônio Paim como uma estratégia de invenção de tradição⁷ para fins de legitimação de posicionamento intelectual. Ou seja, se hoje podemos falar sobre uma tradição da história das ideias

⁷ O historiador inglês Eric Hobsbawm argumenta que tradições podem ser forjadas a partir de funções simbólicas para legitimar práticas presentes – o caso aqui estudado se refere a uma suposta invenção de uma tradição letrada. (Sobre esse assunto, ver: HOBBSAWM & RANGER, 2006.)

filosóficas no Brasil – tendo Miguel Reale e Antônio Paim como os maiores expoentes – é porque ela foi sendo construída pouco a pouco, isto é, essa tradição precisou forjar outra para se legitimar enquanto tal.

Miguel Reale ficou conhecido por ser um dos grandes idealizadores do projeto filosófico chamado de “corrente culturalista”. Este “culturalismo” desenvolvido por Reale e alguns outros intelectuais brasileiros pode ser entendido como uma perspectiva que considera que “a cultura configura uma esfera especial de objetos que se apresentam numa situação privilegiada no âmbito da inquirição metafísica” (PAIM, 1978, 11). Em outras palavras, segundo os culturalistas, a cultura não seria um problema de ordem sociológica, mas sim de ordem filosófica – e Tobias Barreto teria sido o primeiro a se debruçar sobre o problema da cultura a partir dessa perspectiva, como tenta demonstrar Antônio Paim:

A teoria culturalista dos objetos explicita as razões pelas quais a criação humana é considerada como objeto primordial da inquirição metafísica. O interesse pela consideração da cultura do ângulo filosófico remonta a Tobias Barreto. O pensador brasileiro considerou-a como o elemento-chave para refutar a ideia de determinismo social posta em circulação pelo positivismo. No período contemporâneo, suas teses são retomadas e aprofundadas. (PAIM, 1978, 27)

Quando, no trecho acima, Paim escreve que as teses de Tobias Barreto são retomadas e aprofundadas, ele quer evidenciar a importância que os “culturalistas” atribuem ao pensador sergipano, pois este é visto como uma espécie de matriz intelectual. Miguel Reale, em seu artigo já citado – intitulado “A Doutrina de Kant no Brasil” – afirma que é com Tobias Barreto que “surge no Brasil a primeira ‘teoria da cultura’, e é com ele que firma raízes o ‘culturalismo’” (REALE, 1978: 235). Visto a grande quantidade de referências a Tobias Barreto no que diz respeito às origens do culturalismo, pode-se perceber um claro movimento de construção da imagem de Tobias Barreto como o fundador ou como a grande referência da corrente culturalista. Ainda em Antônio Paim, mas desta vez em seu artigo que leva o nome “A trajetória filosófica de Tobias Barreto”, pode-se elencar várias referências nesse sentido, para dar um exemplo relevante, cabe destacar as seguintes palavras de Paim:

Tobias Barreto iria apontar a cultura como aquela esfera cujo exame facultaria a definitiva superação do positivismo, abrindo assim um novo caminho à inquirição metafísica. Essa parcela de sua obra seria denominada, com propriedade, por Miguel Reale, de *culturalismo*. Tais são em síntese as teses últimas de Tobias Barreto, teses que o credenciam como fundador de uma corrente de filosofia superadora do positivismo e, por isto mesmo, destinada a frutificar o ciclo ulterior da meditação brasileira. (PAIM, 1989: 114)

O ponto que quero chegar ao apresentar essas referências de Tobias Barreto como o grande “fundador” da corrente culturalista é mostrar que elas fazem parte de uma estratégia de invenção de tradição, isto é, como já dito, tradições podem ser forjadas a partir de funções

simbólicas para legitimar diversas formas de práticas presentes – como argumenta Hobsbawn em seu livro já citado. Miguel Reale e os outros idealizadores do culturalismo usaram Tobias Barreto justamente como uma estratégia de nacionalização e, dessa forma, forjaram uma tradição letrada para fundamentar a credibilidade intelectual de seu próprio projeto filosófico – a corrente culturalista.

Agora começa a ficar um pouco mais claro o motivo pelo qual Miguel Reale e Antônio Paim sustentaram de forma tão veemente o “neokantismo de Tobias Barreto”, pois, ao mesmo tempo em que eles conferiam credibilidade acadêmica ao culturalismo, eles nacionalizavam uma perspectiva filosófica ao identificá-la a um pensador brasileiro do século XIX. Para tanto, quando eles argumentaram que Tobias foi o primeiro a pensar o problema da cultura a partir de um ponto de vista filosófico, eles afirmaram também que o sergipano teria encarado esse problema a partir de um enfoque marcadamente neokantiano. As palavras de Antônio Paim deixam esse ponto bem claro:

A corrente culturalista considera-se herdeira de Tobias Barreto (1839/1889), cuja meditação é tomada como ponto de referência. Ao contrariar o projeto positivista de construir uma física social, encurralando o homem em esquemas deterministas, o pensador sergipano aventou o ponto de vista do homem como consciência, reorientando o centro da investigação filosófica no sentido do mundo da cultura. Ao fazê-lo, inspirou-se diretamente em Kant, a exemplo do que começavam a fazer diversos pensadores europeus, seus contemporâneos. Antecipa, contudo, de algumas décadas, a direção empreendida, na Alemanha, pelo movimento neokantiano. (PAIM, 1978: 11)

Enfim, é justamente nesse sentido que Paim afirma que é “na perspectiva da evolução do neokantismo que sobressai a significação do culturalismo de Tobias Barreto” (PAIM, 1989: 126). Reale e Paim ignoraram completamente a questão de que Tobias Barreto usou o nome de Immanuel Kant como uma estratégia argumentativa – ou seja, como um argumento de autoridade – para desqualificar os seus colegas positivistas; em vez disso, eles aproveitaram a análise episódica que Tobias faz do kantismo em detrimento do positivismo para justificar a competência e o prestígio do projeto filosófico que eles estavam empenhados em instituir. É justamente por isso que os idealizadores da corrente culturalista jamais comentaram o artigo de Newton Sucupira, visto que ele demonstra que o ensaio “Recordação de Kant” de Tobias é, na verdade, um emaranhado de traduções sem referência de filósofos alemães pouco conhecidos. Eles não podem comentar esse artigo de Sucupira, pois seria negar a credibilidade do que eles tão metodicamente determinaram como a matriz intelectual de seu projeto filosófico.

Em breve síntese, a classificação de Tobias Barreto como um representante do neokantismo constitui uma estratégia de nacionalização e invenção de tradição. Em outras

palavras, Miguel Reale e Antônio Paim usaram os escritos de Tobias Barreto para forjar uma tradição letrada e, dessa maneira, legitimar o próprio projeto filosófico – conhecido como a corrente culturalista. Enfim, a percepção desse movimento argumentativo empreendido por Reale e Paim evidencia claramente a construção do neokantismo de Tobias Barreto.

CONSIDERAÇÃO FINAL:

Nas páginas acima tentei aclarar como as práticas discursivas podem ser interpretadas como estratégias e como “movimentos argumentativos”. É justamente nesse sentido que a diferenciação entre usos e significados engendra a possibilidade da análise da dimensão retórica dos textos.

Nas primeiras páginas expus as ferramentas e os conceitos que viabilizaram as duas conclusões apresentadas, a saber: 1º) Tobias Barreto usou o nome de Immanuel Kant como um argumento de autoridade, isto é, os escritos de Tobias a respeito de Kant eram uma estratégia de autoafirmação e legitimação acadêmica; e 2º) Miguel Reale e Antônio Paim usaram a imagem de Tobias Barreto para forjar uma tradição letrada e, dessa maneira, legitimar o próprio projeto filosófico – a percepção deste movimento argumentativo empreendido pelos dois grandes expoentes da tradição brasileira da história das ideias filosóficas permite a asserção da construção do neokantismo de Tobias Barreto, em outras palavras: Tobias Barreto foi colocado no pilar de uma tradição justamente para legitimá-la enquanto tal.

Por conseguinte, essas duas conclusões permitem uma afirmação ainda mais contundente: visto a completa desatenção dos comentadores de Tobias Barreto sobre como o sergipano fez considerações a respeito de Immanuel Kant usando-o como argumento de autoridade com o objetivo principal de desqualificar seus concorrentes acadêmicos, se torna claro as rudimentares diretrizes interpretativas da historiografia das ideias filosóficas – que construiu o neokantismo de Tobias Barreto a partir de categorias analíticas extremamente frágeis como a “busca do precursor” e um simplório “jogo de influências”. Não obstante, o meu objetivo não é negar o valor desse gênero historiográfico, apenas visei apontar alguns de seus limites a partir de uma diferenciação heurística entre os usos e os significados; diferenciação esta que foi completamente ignorada pela tradicional historiografia brasileira das ideias filosóficas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

- BARRETO, L. A. Antonio Paim e Tobias Barreto. In: *Revista Brasileira de Filosofia*. v. 44, n. 186, p. 187-191, abr./jun. 1997.
- BARRETO, T. *Crítica de Literatura e Arte*. Rio de Janeiro: Ed. Record, 1990.
- _____. *Estudos Alemães*. Sergipe: Ed. Gráfica Alvorada, 1978.
- _____. *Estudos de Filosofia*. São Paulo: Ed. Grijalbo, 1977.
- _____. *Monografias em Alemão*. Rio de Janeiro: Ed. Record, 1990.
- BEVILACQUA, C. A doutrina de Kant no Brasil. In: *Revista da Academia Brasileira de Letras*, nº93, p. 5-14, 1929.
- CAPALBO, C. Antonio Paim e Kant. In: *Revista Brasileira de Filosofia*. v. 44, n. 186, p. 184-186, abr./jun. 1997.
- CARVALHO, J. M. de. A História intelectual no Brasil: a retórica como chave de leitura. In: *Topoi*, Rio de Janeiro, nº 1, pp. 123-152, jan/dez. 2000.
- HOBBSAWM, E.; RANGER, T. (Org). *A Invenção das Tradições*. São Paulo: Paz e Terra, 2006.
- MENDONÇA, R. *A filosofia de Kant no Brasil (Ciclo do neokantismo)*. Rio de Janeiro: Universidade Gama Filho, 1984. [Tese de Doutorado em Filosofia]
- _____. *O Neokantismo no Brasil*. Manaus: Editora da Universidade do Amazonas, 1997.
- MERCADANTE, P. Voltar a Kant. In: *Tobias Barreto: o feiticeiro da tribo*. Rio de Janeiro: UniverCidade, 2006. p. 293-318.
- _____. As Raízes do Ecletismo Brasileiro. In: CRIPPA, A. (Org.) *As ideias filosóficas no Brasil – séculos XVIII e XIX*. São Paulo: Ed. Convivio, 1978. p. 59-79.
- OLIVEIRA, S. O kantismo no Brasil: ao eminente pensador Sílvio Romero. In: *Revista Brasileira de Filosofia*. v. 15, n.58, p. 252-258, abr./jun. 1965.
- PAIM, A. & MERCADANTE, P. Os “estudos de filosofia” de Tobias Barreto. In: *Revista Brasileira de Filosofia*. v. 15, n. 59, p. 387-411, jul./set. 1965.
- _____. *Tobias Barreto na cultura brasileira: Uma reavaliação*. São Paulo: Edusp, 1972.
- PAIM, A. A corrente culturalista. In: CRIPPA, A. (Org.) *As ideias filosóficas no Brasil – século XX (parte I)*. São Paulo: Ed. Convivio, 1978. p. 9-37.
- _____. A trajetória filosófica de Tobias Barreto. In: *Revista Brasileira de Filosofia*. v. 38, n. 154, p. 110-126, abr./jun. 1989.
- _____. *O Estudo do Pensamento Filosófico Brasileiro*. São Paulo: Ed. Convivio, 1986.
- PEREZ, D. Dois séculos de leitura de Kant no Brasil. In: PEREZ, D. (Org.). *Kant no Brasil*. São Paulo: Ed. Escuta, 2005. p. 5-22.

- REALE, M. A doutrina de Kant no Brasil. In: CRIPPA, A. (Org.) *As ideias filosóficas no Brasil – séculos XVIII e XIX*. São Paulo: Ed. Convivio, 1978. p. 225-238.
- _____. Filosofia alemã no Brasil. In: *Revista Brasileira de Filosofia*. v. 24, n. 93, p. 3-18, jan./mar. 1974.
- _____. No segundo centenário da “crítica da razão pura”, de Kant. In: *Revista Brasileira de Filosofia*. v. 31, . n. 123, p.177-183, jul./set. 1981.
- _____. et al. *O Pensamento de Tobias Barreto*. Lisboa: Universidade nova Lisboa – Instituto Pluridisciplinar de História das Ideias, 1992.
- SALDANHA, N. A 'Escola do Recife' na evolução do pensamento brasileiro. In: CRIPPA, A. (Org.) *As ideias filosóficas no Brasil – séculos XVIII e XIX*. São Paulo: Ed. Convivio, 1978. p. 81-114.
- SIALVA, G. *O Culturalismo de Tobias Barreto*. Rio de Janeiro: UFRJ, 2001. [Monografia em Filosofia].
- SKINNER, Q. Meaning and understanding in the history of ideas. In: *History and Theory*, Vol. 8, N° 1 (1969), pp. 3-53.
- _____. Rhetoric and Conceptual Change. In: *Finnish Yearbook of Political Thought* 3, (1999), pp. 60-73.
- SUCUPIRA, N. Tobias Barreto e o kantismo. In: *Revista Brasileira de Filosofia*. v. 32, n. 126, p. 135-163, abr./jun. 1982.
- VEIGA, G. Kant e o Brasil. In: *Revista Brasileira de Filosofia*. v. 1, n. 1-2, p. 86-97, 1951.
- ZILLES, U. *Grandes tendências na filosofia do século XX e sua influência no Brasil*. Caxias do Sul: EDUCS, 1987.
- WITTGENSTEIN, L. *Investigações Filosóficas*. São Paulo: Abril Cultural, 1979.